

Hans de Ferro

Era uma vez um rei que tinha, perto do seu castelo, uma grande floresta, onde havia toda espécie de caça. Certa vez, enviou para essa floresta um guarda-caça, que deveria abater para ele uma cabra selvagem, mas o guarda-caça não retornou. "Talvez lhe tenha acontecido alguma desgraça?", disse o rei, e no dia seguinte enviou atrás dele, em busca, dois outros guardas-caça; mas também estes não voltaram.

Então o rei, no terceiro dia, reuniu todos os seus guardas-caça e disse: "Deveis revistar toda a floresta e não tornareis a mim enquanto não tiverdes encontrado esses três". Mas nenhum destes também retornou, e daquela matilha de cães que levaram consigo, nem um só voltou para casa.

Desde então, ninguém mais se atrevia a entrar naquela floresta, e ela ficou silenciosa, muda e solitária; apenas de vez em quando uma águia sobrevoava por cima dela ou um falcão levantava voo.

Assim passaram muitos anos, e de repente apareceu diante do rei um guarda-caça estrangeiro, pediu-lhe emprego e ofereceu-se para adentrar aquela floresta perigosa.

O rei não quis dar consentimento para isso e disse: "Nessa floresta não há coisa limpa, e receio que te aconteça o mesmo que àqueles que nela desapareceram, e que não saias de lá". O guarda-caça respondeu: "Senhor, quero tentar por minha conta e risco, pois nunca senti medo".

E assim ele entrou na floresta com o seu cão. Pouco depois, o cão descobriu o rastro de uma fera e quis segui-lo; mas mal deu dois passos, encontrou-se diante de uma poça funda e não pôde avançar nem um passo mais, e da poça surgiu uma mão nua, agarrou o cão e o arrastou para dentro da mesma poça.

Vendo isso, o guarda-caça voltou, trouxe consigo mais três homens e obrigou-os a esvaziar toda aquela poça com baldes. Quando chegaram ao fundo, viram no chão um homem selvagem, de pele escura como ferro enferrujado, e tão coberto de cabelos que estes lhe pendiam até aos joelhos. Amarraram-no com cordas e levaram-no ao castelo. Todos se admiravam daquele homem selvagem, e o rei ordenou que fosse colocado no seu pátio numa jaula de ferro, sob pena de morte proibiu que se abrisse a porta da jaula, e entregou a chave à própria rainha para guarda.

E desde então todos já podiam entrar livremente naquela floresta.

O rei tinha um filhinho de cerca de oito anos, que certa vez brincava no pátio, e durante a brincadeira a sua bola de ouro caiu dentro daquela jaula. O menino correu até à jaula e disse ao homem selvagem: "Devolve-me a minha bola". — "Só a devolverei", respondeu aquele, "quando me abrires a porta". — "Não", disse o menino, "isso não farei: o rei proibiu", e saiu correndo.

No dia seguinte, ele voltou novamente e exigiu a sua bola. O homem selvagem respondeu-lhe: "Abre a porta", mas o menino não quis fazê-lo.

No terceiro dia, quando o rei partiu para a caça, o menino veio mais uma vez e disse: "Mesmo que quisesse, não posso abrir — não tenho a chave". O selvagem disse então: "Ela está debaixo do travesseiro da tua mãe; lá podes buscá-la".

O menino, desejoso de recuperar a sua bola, despreocupou-se com tudo e trouxe a chavinha.

A porta abria-se com dificuldade; o menino, ao abri-la, ainda prendeu o dedo, e quando abriu a porta, o selvagem saiu da jaula, devolveu-lhe a bola e afastou-se apressadamente. O menino assustou-se. Começou a gritar atrás do selvagem: "Não vás embora, homem selvagem, senão levo uma bronca por tua causa".

Aquele voltou, ergueu-o, colocou-o sobre os ombros e retirou-se rapidamente para a floresta.

Quando o rei retornou e viu a jaula vazia, perguntou à rainha como isso podia ter acontecido. Ela nada pôde explicar, começou a procurar a chavinha, mas esta havia desaparecido. Chamou pelo filho, mas não houve resposta.

O rei enviou pessoas em busca, mas estas não encontraram o príncipe. Então o rei compreendeu o que se passara, e uma grande tristeza instalou-se na corte real.

Quando o homem selvagem voltou novamente à sua floresta densa, fez o menino descer e disse-lhe: "Não verás mais teu pai nem tua mãe, mas eu te guardarei comigo; tu me libertaste, e devo ter compaixão de ti. Se cumprires tudo o que eu te ordenar, viverás bem. Tenho tesouros e ouro em abundância — mais do que qualquer outro no mundo".

Preparou para o menino uma caminha de musgo, e nele adormeceu, e na manhã seguinte o selvagem levou-o até uma fonte e disse: "Vês, esta fonte dourada é clara e transparente como cristal; deves sentar-te junto dela e vigiar atentamente para que nada caia lá dentro, na fonte, pois senão será profanada. Todas as noites virei aqui verificar se cumpriste a minha ordem".

O menino sentou-se junto à fonte e começou a contemplar os peixinhos dourados e as serpentinhas douradas que nela cintilavam, vigilante para que nada caísse naquela fonte.

E enquanto assim estava sentado, de repente doeu-lhe o dedo, de tal forma que involuntariamente o mergulhou na água.

Retirou-o imediatamente da água, mas viu que o dedo ficara todo dourado, e por mais que tentasse esfregar aquele ouro do dedo, tudo foi em vão.

À noite, o homem selvagem (chamava-se João de Ferro) voltou, olhou para o menino e disse: "Que aconteceu com a fonte?" — "Nada", respondeu o menino, escondendo atrás das costas a mão com o dedo dourado, para que o outro não a visse. Mas João de Ferro disse: "Mergulhaste o dedo na água; desta vez perdoo-te, mas cuidado — não deixes cair mais nada lá dentro".

No dia seguinte, bem cedo, o menino estava novamente sentado sobre a fonte, guardando-a.

E novamente doeu-lhe o dedo; passou-o pelos cabelos, e, para seu infortúnio, um fio de cabelo caiu da sua cabeça na fonte. Retirou imediatamente esse fio, mas também o fio ficou completamente dourado.

João de Ferro veio e já sabia do ocorrido. "Deixaste cair um cabelo na fonte", disse ele, "e mais uma vez perdoo-te, mas se pela terceira vez acontecer algo semelhante, a fonte será profanada e não poderás mais permanecer comigo".

No terceiro dia, o menino estava sentado junto à fonte e já não ousava mover-se, embora o dedo lhe doesse muito. Mas o tédio o atormentava, e ele começou a olhar para a água como num espelho. Inclinou-se, inclinou-se, para examinar bem os olhos, e de repente algumas mechas dos seus longos cabelos, escorregando dos ombros, tocaram a água.

Levantou-se rapidamente, mas já todos os cabelos da sua cabeça estavam dourados e brilhavam como o sol. Pode-se imaginar como o menino se assustou! Enrolou a cabeça num lenço, para que o selvagem não pudesse ver os seus cabelos.

Mas quando este chegou, já tudo lhe era conhecido. "Tira o lenço da cabeça", disse ele.

Então os cabelos dourados caíram sobre os ombros do menino, e ele, por mais que tentasse desculpar-se, nada mais pôde fazer.

"Não resististe à prova", disse-lhe o selvagem, "e não podes mais permanecer aqui. Vai pelo mundo e conhece o que é a pobreza. Mas como o teu coração não é mau e desejo o teu bem, concedo-te uma coisa: se estiveres em necessidade, aproxima-te da floresta e grita: 'João de Ferro!' — e eu sairei a teu encontro e te ajudarei. Minha força é grande, muito maior do que pensas; e tenho prata e ouro em abundância".

Assim o príncipe saiu da floresta e caminhou por estradas batidas e não batidas, cada vez mais longe, até finalmente chegar a uma grande cidade. Procurou trabalho, mas não conseguiu encontrar, e também não tinha aprendido ofício algum para ganhar o sustento.

Finalmente, foi ao castelo e perguntou se queriam admiti-lo ao serviço. Os criados da corte não sabiam para que poderia servir, mas ele lhes agradou, e mandaram-no ficar. Por fim, o cozinheiro o tomou consigo: para carregar lenha e água e remover as cinzas.

Certa vez, quando não havia mais ninguém disponível, o cozinheiro ordenou-lhe que levasse a comida à mesa real, e como o jovem não queria mostrar ao rei os seus cabelos dourados, ao servir os pratos, não tirou o seu barrete da cabeça.

Ninguém jamais ousara apresentar-se assim diante do rei, e este disse: "Quando te apresentas à mesa real, debes tirar o teu barrete". — "Ah, senhor", disse o menino, "não posso tirá-lo, porque tenho uma ferida supurada na cabeça". Então o rei chamou o cozinheiro, repreendeu-o e perguntou como podia aceitar na cozinha um garoto desses. "Expulsa-o imediatamente!" Mas o cozinheiro teve compaixão do menino e trocou-o pelo jardineiro.

Assim, o príncipe teve de trabalhar no jardim, plantando e regando, cavando e limpando, suportando vento e mau tempo.

Certa vez, no verão, quando trabalhava sozinho no jardim, o dia estava tão quente que tirou o barrete para refrescar um pouco a cabeça.

E assim brilharam

seus cabelos ao sol, de modo que os raios deles chegaram até o quarto da princesa, e ela saltou da cama para ver o que brilhava assim.

Então ela viu o jovem e gritou-lhe: «Ei, rapaz! Traga-me um buquê de flores».

Ele apressadamente enfiou o chapéu, colheu flores silvestres do campo e as amarrou num molho.

Começou a subir a escada com elas e encontrou o jardineiro. «Que ideia foi essa de colher para a princesa flores tão ruins? Agora traga outras e escolha as mais belas e as mais raras». — «Ah, não!», disse o jovem. — «As flores silvestres têm melhor perfume e lhe agradarão mais».

Quando ele chegou ao quarto dela, a princesa disse: «Tire seu chapéu; não convém que fique diante de mim de chapéu». E ele respondeu-lhe o mesmo: «Não ousou tirá-lo — toda a minha cabeça está coberta de crostas». Mas ela agarrou-o pelo chapéu e o arrancou, e seus cabelos dourados caíram-lhe sobre os ombros, de modo que era um prazer olhar.

Ele quis fugir, mas a princesa o segurou pela mão e deu-lhe uma punhado cheio de moedas de ouro. Ele saiu da presença da princesa, mas não prestou atenção àquele ouro, levou-o ao jardineiro e disse: «Dê-o aos teus filhos, para que brinquem».

No dia seguinte, a princesa chamou-o novamente, ordenando que trouxesse um buquê de flores do campo, e quando ele apareceu com as flores, ela imediatamente agarrou-o pelo chapéu e quis arrancá-lo, mas ele o segurou firmemente com ambas as mãos.

E novamente ela lhe deu um punhado de moedas de ouro, e ele outra vez as entregou aos filhos do jardineiro.

E no terceiro dia aconteceu o mesmo; ela não conseguiu tirar-lhe o chapéu, e ele não quis aceitar dinheiro dela.

Pouco tempo depois, estourou uma guerra naquele país.

O rei reuniu suas tropas, mas não sabia se conseguiria vencer o inimigo, que era forte e possuía um grande exército.

Então o jovem disse: «Já sou adulto e também quero ir à guerra; deem-me apenas um cavalo». Os outros servos riram dele e disseram: «Assim que partirmos, procure um cavalo para ti: deixaremos um cavalo para ti no estábulo».

Quando eles partiram, ele foi ao estábulo e mal conseguiu tirar para si um cavalo do estábulo: o cavalo estava magro e mancava de uma perna. O jovem, contudo, montou nele e partiu em direção à floresta densa.

Ao chegar à clareira, o jovem gritou três vezes: «Hans de Ferro!» — tão alto que o eco respondeu na floresta.

Imediatamente apareceu-lhe o homem selvagem e perguntou: «O que desejas?» — «Desejo um bom cavalo para ir à guerra». — «Receberás o que desejas», respondeu Hans de Ferro, «e até mais do que pedes».

Ele voltou para sua floresta, e pouco depois saiu da floresta um cavaleiro e trouxe pelas rédeas um cavalo que bufava pelas narinas e que era difícil de conter; e atrás do cavaleiro vinha todo um esquadrão de homens de armas, revestidos de ferro, e suas espadas brilhavam ao sol. O jovem entregou ao cavaleiro seu cavalo de três patas, saltou sobre o cavalo veloz e partiu à frente do esquadrão.

Quando se aproximaram do campo de batalha, a maior parte do exército real havia sido exterminada e os restantes já quase se preparavam para recuar.

Então o jovem investiu com seus homens de armas, lançou-se como uma tempestade contra os inimigos e destruiu tudo que ousou resistir-lhe. Os inimigos quiseram fugir, mas ele os perseguiu por toda parte, passo a passo, e só parou quando dos inimigos não restou nem rastro.

Mas, em vez de ir ao rei, ele conduziu seu esquadrão por caminhos indiretos até a floresta e chamou novamente Hans de Ferro. «O que desejas?», perguntou o homem selvagem. «Toma teu cavalo e teus homens de armas, e devolve-me meu cavalo de três patas».

Tudo aconteceu conforme o jovem desejou, e ele partiu em seu cavalo de três patas de volta ao castelo.

Quando o rei retornou para casa, sua filha saiu ao seu encontro e o felicitou pela vitória. «Não fui eu quem venceu», disse o rei, «o vencedor foi algum cavaleiro estranho, que veio em meu auxílio com seu esquadrão».

A filha quis saber quem era aquele cavaleiro estranho, mas o próprio rei não sabia. Ele disse: «Vi que ele perseguia o inimigo, e depois desapareceu de meus olhos».

A princesa indagou ao jardineiro sobre seu ajudante; este riu e disse: «Ele acabou de chegar em casa montado em seu cavalo de três patas».

E os outros servos todos riam dele e gritavam: «Eis nosso herói montado em Manquinho!». Eles ainda lhe perguntavam: «Atrás de qual cerca estiveste deitado, tombado?». Mas ele lhes respondia: «Destaquei-me acima de todos, e sem mim vocês teriam passado mal». Bem, esses então passaram a rir ainda mais.

O rei disse à sua filha: «Organizarei uma grande festa, que deverá durar três dias, e tu, nessa festa, lançarás uma maçã de ouro: talvez venha aquele cavaleiro estranho e levante tua maçã».

Quando foi anunciada aquela festa, o jovem foi à floresta e chamou Hans de Ferro. «O que desejas?», perguntou este. «Desejo que me caiba a maçã de ouro da princesa». — «Considera-a tua!», disse o homem selvagem. — «E ainda mais:

receberás de mim uma armadura vermelha e virás à festa montado num excelente cavalo ruivo».

Quando chegou o dia da festa, o jovem misturou-se à multidão de cavaleiros e não foi reconhecido por ninguém.

A princesa saiu aos cavaleiros e lançou-lhes a maçã de ouro; mas somente o jovem conseguiu apanhá-la, e assim que a teve em mãos, imediatamente desapareceu.

No dia seguinte, Hans de Ferro vestiu o jovem numa armadura branca e deu-lhe um cavalo malhado. Novamente coube a ele a maçã, e assim que a agarrou, disparou com ela.

O rei irritou-se com isso e disse: «Não é permitido agir assim! Ele deve apresentar-se a mim e declarar seu nome». E deu esta ordem: «Se o cavaleiro que apanhou a maçã tentar novamente fugir, devem persegui-lo, e se ele não quiser voltar voluntariamente, devem cortá-lo e traspassá-lo».

No terceiro dia da festa, o príncipe recebeu de Hans de Ferro uma armadura negra e um cavalo negro, e novamente apanhou a maçã. Quando ele pretendia fugir com ela, os homens do rei o perseguiram, e um deles aproximou-se tanto que feriu sua perna com a ponta da espada.

O príncipe, contudo, escapou deles, mas durante a fuga seu cavalo galopava tão furiosamente que o elmo caiu-lhe da cabeça, e eles viram que seus cabelos eram dourados. Com isso retornaram e relataram tudo ao rei.

Na manhã seguinte, a princesa perguntou ao jardineiro sobre o jovem. «Está trabalhando no jardim», respondeu este. — «É tão esquisito — também estive na festa e só retornou tarde da noite: mostrou-nos as três maçãs de ouro que ganhou na festa».

O rei exigiu que ele viesse à sua presença, e ele apareceu novamente com seu chapéu, mas a princesa imediatamente o arrancou, e seus cabelos dourados caíram-lhe sobre os ombros em suaves anéis, e ele era tão belo que todos ficaram admirados.

«És tu aquele cavaleiro que durante três dias apareceu na festa com armaduras de cores diferentes e apanhou as três maçãs?», perguntou o rei. «Sim», respondeu o jovem, tirou do bolso três maçãs de ouro e entregou-as ao rei. — «E se precisais de mais provas, eis aqui a ferida que vossos homens me causaram durante a perseguição. Sou também aquele cavaleiro que vos ajudou a obter a vitória sobre os inimigos». — «Se és capaz de realizar tais feitos, não és ajudante de jardineiro: diz-me, quem é teu pai?» — «Meu pai é um poderoso rei, e tenho ouro tanto quanto

minha alma deseja». — «Vejo», disse o rei, «e devo-te gratidão. Que posso fazer para te agradar?» — «Sim, isso está em vosso poder: dai-me vossa filha em casamento».

Então a princesa riu e disse: «Ele vai direto ao assunto! Bem, eu já havia suspeitado há muito, pelos seus cabelos dourados, que ele não era um simples trabalhador», e, aproximando-se dele, beijou-o.

Para o noivado chegaram seu pai e sua mãe, e não podiam se alegrar o suficiente, pois já haviam perdido toda a esperança de algum dia reencontrar o filho.

E quando todos estavam sentados à mesa do banquete, de repente a música silenciou, as portas se abriram, e um rei importantíssimo entrou no salão com numerosa comitiva.

Ele dirigiu-se diretamente ao jovem, abraçou-o e disse: «Sou Hans de Ferro e fui encantado na forma de um homem selvagem, mas tu me libertaste do feitiço. Todos os tesouros que possuo devem agora pertencer-te...»

Quanta alegria houve ali, quanta algazarra e diversão — quanta doçura no banquete e tanto quanto a ressaca!